

A ironia filosófica de Machado de Assis em “O espelho”

Marcio Gimenes de Paula

Departamento de Filosofia/UFS

Abordar a ironia em Machado de Assis não consiste em nenhuma novidade. Afinal, qualquer leitura atenta e perceptiva pode notar, até mesmo com facilidade, tal coisa. Leitor de Schopenhauer, de Heine e de Voltaire, o autor brasileiro deixou transparecer sua ironia e sua crítica mordaz em diversos momentos de sua obra. Por isso, nosso objetivo aqui é bastante específico, ou seja, como podemos observar a ironia machadiana presente no conto “O espelho”.

O conto se inicia com uma epígrafe que, segundo julgamos, não deve ser desconsiderada por dois fortes motivos: ela é uma das falas de umas das personagens e fornece o tom, isto é, a atmosfera do que pretende o autor. Afirma a epígrafe que cada homem traz consigo duas almas: uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro. Evidentemente tal afirmação é polêmica, precisa ser verificada no decorrer do conto e veremos de que forma tal personagem a defenderá. Contudo, cabe notar antes disso que, tal como salientam Borges e Barbosa (2006), há no conto a presença de dois narradores. A primeira narração ocorre na terceira pessoa e ela descreve o espaço onde se desenvolve a ação. Depois disso, a narração encaminha-se para a primeira pessoa. Desse modo, o narrador não parece, portanto, alheio aos acontecimentos.

Relata-nos o narrador que quatro ou cinco cavalheiros debatiam, num local tranqüilo e afastado do agitado mundo exterior, diversos assuntos metafísicos e problemas do universo. Não fortuitamente o local do debate é o morro de Santa Teresa, ou seja, um local que parece situar-se, por ser um morro, especialmente entre a cidade e o céu. Além disso, fala-se “a casa” e “a sala”, apontando para a importância e a singularidade do local da narrativa. O ambiente parece envolto em mistério e há nele um curioso jogo de luzes e sombras.

A primeira curiosidade do conto se dá em torno do número de participantes do colóquio: por qual motivo se diz que eram quatro ou cinco? Por que não se diz exatamente o número dos participantes? Segundo o narrador, eram quatro os efetivos participantes do debate, mas um deles, Jacobina, o mesmo autor da frase da epígrafe do conto, também estava presente, embora permaneça ora calado, ora cochichando e ora cochilando. A observação parece curiosa e cheia de sentido. Em outras palavras, num debate metafísico muitas vezes podem valer coisas como o cochicho, a sonolência e o silêncio. Jacobina, segundo

o narrador, era um sujeito provinciano, capitalista, cáustico e que não gostava de discutir. Seu principal argumento para evitar qualquer disputa era a afirmação de que os anjos não debatem e são perfeitos. Desse modo, a herança polêmica que o homem cultivava seria uma espécie de instinto bestial. Despertando com tal afirmativa a curiosidade dos demais participantes do colóquio, Jacobina é estimulado a defender sua tese. Ele aceita, mas visto que não debate, fará isso apenas se houver um pacto de que todos o escutem sem discussões e sem polêmica. Seu principal ponto de apoio para explicar a sua tese será a narrativa de uma experiência da sua vida pessoal. Notemos aqui algo instigante: ao contrário de qualquer perspectiva de um diálogo ao molde dos diálogos platônicos, onde o *lógos* deve ser exposto ao exame e ser verificado, Jacobina parece apostar no subjetivismo da opinião. Sua história, por critérios absolutamente pessoais e que não podem ser questionados, deve dar o tom doravante. O curioso de toda a cena é que, tal como apontam Borges e Barbosa (2006), os homens que pareciam debater fazem silêncio para ouvir Jacobina e aceitam as suas regras.

O próprio nome Jacobina já aponta para a ironia machadiana. Há para ele, segundo Borges e Barbosa (2006), pelo menos três hipóteses explicativas: a primeira apontaria para o adjetivo jacobino, dando uma idéia de polêmico (o que contrastaria com uma personagem que diz que não quer discutir); a segunda apontaria para as figuras bíblicas de Esaú e Jacó e, nesse sentido, jacobino seria aquele que é oriundo de Jacó, o reflexo, a outra face de Esaú; o terceiro significado aponta para o significado indígena do nome que quer dizer literalmente “campo aberto”.

A tese polêmica é, enfim, anunciada: O homem possui duas almas, tal como já enfatizara a epígrafe, há uma alma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro. Segundo Jacobina, a alma exterior de um homem pode ser qualquer coisa. A outra parte da sua afirmação é notar que tal alma teria, a rigor, a mesma função da alma interior, ou seja, transmitir a vida. Por isso, para Jacobina, ambas as almas se completam. A ironia aqui parece claramente relacionada com Platão, mas interpretando-o da forma mais jocosa possível e através dos critérios pessoais da personagem. Seria a metafísica uma ciência propícia para esse tipo de afirmativas? Existiriam mesmo duas almas ou esse é um jogo da ironia machadiana?

Contudo, Jacobina segue na sua explicação: tal alma exterior nem sempre é a mesma. Será que aqui há uma nova ironia com a interpretação platônica, isto é, com a síntese que o pensador grego faz de Heráclito, ao afirmar que o mundo dos fenômenos sempre se altera? Deixando de lado algumas especulações, a personagem segue direto ao caso. Segundo ele, aos vinte e cinco anos, quando ainda era pobre, recebeu a distinção de alferes da guarda nacional. Tal distinção deixou orgulhosos seus parentes e amigos, bem como propiciou inveja a uns outros tantos. Note-se que o cargo de alferes era um dos mais questionáveis do antigo Império, ou seja, valia pouco e tinha muito mais efeito decorativo do que efetivo, por isso a crítica social e a ironia machadiana mostram-se no caso profundamente mordazes.

Aqui entra uma outra personagem curiosa na narrativa de Machado: a tia Marcolina, dona de um sítio humilde onde o alferes da família vai para passar uns tempos. Note-se novamente a ironia: trata-se de um sítio humilde, ou seja, alguém que tem um cargo que nada vale é reconhecido por uma tia dona de um sítio de igual valor. Tal senhora está absolutamente encantada pela premiação do sobrinho e, em todo o tempo, só o tratava por meu alferes, mesmo quando esse pedia para ser tratado por Joãozinho (que daria um caráter mais afetivo), igualmente o faziam os demais moradores da casa e também os escravos.

Movida por tal orgulho, Tia Marcolina, que possuía um tradicional e luxuoso espelho na sala de sua casa, transfere-o para o quarto do seu alferes, o que prova o *status* de Jacobina. Diante de tantos elogios e honras, Jacobina confessa:

O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava ao homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado (Assis, 1984, p. 35).

A narrativa da personagem parte agora para a análise de fatos concretos. No entender de Jacobina, as melhores definições não podem se sustentar sem os fatos. Note-se o quanto tal afirmativa o aproxima, por exemplo, de autores do empirismo inglês como Hume ou Locke. Afinal, sua personagem afirma claramente que “a melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada” (Assis, 1984, p. 35). Por isso, os fatos são imprescindíveis e, talvez, como Kant já suspeitou, eles ajudem a despertar do sono dogmático, o que não parece também desprovido de sentido se notarmos o quanto o sono e o sonho serão importantes no final do conto. Assim sendo, eis que surge o fato concreto: tia Marcolina, por motivos familiares, precisava se ausentar e dá adeus ao seu sobrinho, adeus ao seu alferes. Junto de tia Marcolina, também se vai o restante da parentela. Assim sendo, restam somente os escravos na casa. Jacobina observa aqui duas coisas: sua alma exterior, aquela que parece que era reconhecida por outros, agora inevitavelmente se viu reduzida. Ele era agora reconhecido por pessoas sem valor, meros escravos. Há aqui um novo e fecundo diálogo que pode ser estabelecido entre Machado e a tradição filosófica. Hegel, numa célebre passagem da *Fenomenologia do espírito*, trata da relação dialética entre senhor e escravo. Depois de uma longa investigação e de toda a explicação da trama desenvolvida, pode-se concluir, a partir de tal metáfora, que a triste sina do senhor é apenas ser reconhecido por alguém inferior a ele próprio. Por isso é que, não fortuitamente, tal metáfora hegeliana ainda hoje repercute em autores da tradição marxista e na psicanálise. Não seria essa a mesma situação de Jacobina? Não estaria o alferes apenas sendo reconhecido por aqueles aos quais eles não reconhecia?

Contudo, a coisa é ainda pior: os escravos, que tanto o elogiaram no dia anterior, fugiram no dia seguinte. Não havia, segundo Jacobina, viva alma no local, exceto “um par de mulas, que filosofavam a vida sacudindo as moscas” (Assis, 1984, p. 36). Melhor seria ter sido vítima de uma rebelião ou de uma vingança dos escravos, melhor seria a morte. Entretanto, não foi a morte que restou para Jacobina, mas sim um local vazio, sem ninguém que pudesse reconhecê-lo, nem mesmo escravos. Tudo ficou comprido, as horas tornaram-se enfadonhas, os relógios custavam a andar. Só as mulas que filosofam não poderiam perceber tal coisa.

Jacobina confessa, entretanto, não ter tido medo. Para ele, o medo ainda seria algo que o estimularia. A sensação era outra: uma espécie de sonambulismo, sentia-se como um autômato. Quando dormia, as coisas pareciam fluir melhor, atribuía isso ao fato do sono eliminar a necessidade de uma alma exterior, agora só restava a alma interior. No sonho propiciado pelo sono o alferes readquiriria, mas agora de maneira interna, tudo o que outrora a alma exterior propiciara a ele: o reconhecimento de parentes, amigos, elogios, promoções etc. Contudo, segundo Jacobina, bastava despertar para que tudo se perdesse. Nessa ocasião, comia o suficiente para sobreviver e fazia pequenos exercícios físicos para sentir-se vivo, mas o problema era moral, era o silêncio, era a falta do reconhecimento. O ambiente parece propício para enlouquecer qualquer um.

Entretanto, nem a despedida de tia Marcolina e dos demais parentes, a fuga dos escravos, o silêncio e a total ausência de qualquer ser vivente no local, nada se compara ali com a presença de um detalhe que parecia – até então – não ser tão importante assim no conto: a presença de um espelho, um espelho caríssimo, relíquia da comitiva de D. João VI, é colocado no seu quarto, local da sua intimidade. Jacobina confessa que desde que se vira sozinho teve receio de olhar para o espelho e encontrar mais de um ou dois de si mesmo. Passaram-se alguns dias e ele resolveu encarar o espelho. O espelho que, com toda a rudeza parece apenas executar o que mandam as leis físicas, foi a salvação de Jacobina. Em que sentido ele o salvou? Jacobina teve a idéia de se vestir com a roupa de alferes e assim, diante do espelho, todos os dias, podia reconhecer-se como alferes, como alguém importante, diante disso ele sobreviveu por um longo tempo no isolamento do local. Desse modo, ele pôde recuperar a sua alma exterior e ficar consciente, como já disse Nietzsche, de que sempre que olhamos para o abismo, o abismo também nos olha. O curioso é que Jacobina passa a ver a si mesmo pelos seus próprios olhos com a ajuda do espelho e não se vê mais pelos olhos dos outros. Contudo, ele para se ver veste-se sempre de alferes, buscando na roupa a sua antiga legitimidade.

O conto termina afirmando que “quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas” (Assis, 1984, p. 40), ou seja, cumprindo a sua promessa, Jacobina não deseja discutir e nem se coloca ao dispor de um colóquio. Por isso, a metafísica do espelho, que é *speculum*, ou seja, a palavra latina que antecede a palavra “especulação”, parece sempre inconclusa, tal como os problemas metafísicos e misteriosos que são abordados no conto.

É digno também de nota e, com toda certeza, mereceria estudos de maior profundidade, o aspecto subjetivo presente no conto de Machado. O tempo todo parece haver um conflito entre o eu de Jacobina e a exterioridade. Nesse sentido, o conto certamente teria uma fecunda relação a ser feita com a psicanálise e com uma filosofia de caráter existencial ou fenomenológica. Se lembrarmos que para Kierkegaard em *A doença mortal*, por exemplo, há três formas de desespero (o desespero que ignora possuir um eu, o desespero que nega o seu eu e o desespero que quer ser ele próprio), certamente perceberemos o quanto a personagem machadiana poderia ser analisada sob tal foco.

Desse modo, depois de tanta metafísica (ou crítica da metafísica) e ironia machadiana, só nos resta concluir, de modo não concludente, com uma piada:

Sherlock Holmes e Dr. Watson vão acampar. Montam a barraca e, depois de uma boa refeição e uma garrafa de vinho, deitam-se para dormir. Algumas horas depois, Holmes acorda e cutuca seu fiel amigo:

– Meu caro Watson, olhe para cima e diga-me o que vê.

Watson responde:

– Vejo milhares e milhares de estrelas.

Holmes então pergunta:

– E o que isso significa?

Watson pondera por um minuto, depois enumera:

- 1) Astronomicamente, significa que há milhares e milhares de galáxias e, potencialmente, bilhões de planetas.
- 2) Astrologicamente, observo que Saturno está em Leão e teremos um dia de sorte.
- 3) Temporalmente, deduzo que são aproximadamente 03h15min pela altura em que se encontra a Estrela Polar.
- 4) Teologicamente, posso ver que Deus é todo poderoso e somos pequenos e insignificantes.
- 5) Meteorologicamente, suspeito que teremos um lindo dia amanhã. Correto?

Holmes fica um minuto em silêncio, então responde:

– Watson, seu idiota! Significa apenas que alguém roubou nossa barraca!!!